

POEMAS*De Luanna Oliveira***Sociedade perversa**

És tu...
Sociedade elitista
És tu...
Sociedade 'branca', assassina
És tu...
Que nos deixa em frangalhos.
És tu...
Que ainda que, derrubados, algemados, imobilizados e assassinados
Quer que sejamos culpados?
Sociedade racista, que odeia negros, indígenas, pobres...
És tu...são todos vocês.
Mas saibam, meu sangue é forte e nobre
O que corre em minhas entranhas estava aqui muito antes de vocês!
Sangue de reis, rainhas e deuses
Sociedade hipócrita, desgraçada!
Parem de nos violentar!
Deixe-me passar
Não quero mais aqui ficar.
Estão me sufocando
Estou ficando sem ar
Deixe-me respirar
Dei-xe-me res...arrrr!

Rastros de violência

Nas curvas do corpo feminino
Há um grito sufocado
Há marcas invisíveis
Há mulheres sensíveis.

Dentro de uma mulher silenciada
A uma alma sendo roubada
Há uma história se apagando
E um sorriso se esvaindo.

Fique atento ao silêncio dela
Ela as vezes disfarça com alegria
Mas não se iluda
Há cicatrizes profundas.

Para muitas, a família é a razão
Ela dirá: não se preocupe, não
Mas insista, salve o coração
Não permita que ela morra não.

Há rastros no corpo feminino irreparáveis.
Há coisas que não são palpáveis
Mas existem e estão lá
É só prestar atenção e olhar.
Atente-se aos detalhes, olhe!
Uma relação abusiva, nunca aparecerá ruim, olhe!
Na primeira oportunidade, aja!
Ao vê-la, não cruze os braços, ajude-a!

Identidade negada

Tens olho puxado?
Tens corpo pintado?
Cadê tuas penas?
Vem dizer que é indígena.

Por que não está no mato?
Por que não anda pelado?
E esse brinco perolado?
Indígena de cabelo enrolado?

Indígena com celular?
Não tem como duvidar
Indígena, nem pensar
“Índio”, pra gente, no mato tem que ficar.

Indígena tem cabelo liso
Mas o teu é cortado
Mas o teu é pintado
Mas o teu é cacheado.

E assim segue a história
De uma sociedade sem memória
O triste caso do povo brasileiro
Que nega o outro por inteiro.

Icamiabas modernas

(Poema dedicado as nossas lideranças indígenas do Oeste do Pará. grandes mulheres, grandes Suraras!)

*Arapiun, Kumaruara
Borari, Tapuia
Jarakí, Cara-preta
Munduruku, Arara...*

Mulheres do Norte
Mulheres fortes
Senhoras, mães, meninas
Mulheres indígenas.

Rosto pintado
Filho pendurado
Lideranças do alto/baixo- Tapajós
Representantes de todas nós!

A batalha feminina tem um cheiro diferente
Exala o ambiente
É doce como o mel, leve como flor
Mas tão fatal como a dor do amor.

Papel e caneta são as armas das Icamias Modernas
Mas não duvide da capacidade de armar um arco e flecha
Seus filhos sugam o líquido da luta
Nossa terra, jamais será sua.

Nas curvas dos corpos femininos
Comportam lindos grafismos.
Eu sou indígena!
Eu sou resistência!

***LUANNA OLIVEIRA** (PARÁ). Poeta e pesquisadora indígena da etnia Arapiun, Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFO-PA) e Mestra em Educação também pela mesma instituição Possui artigos científicos publicados em anais, revistas e ebook na área da educação, leitura e literatura.